

CONSTRUÇÕES PASSIVAS, TRANSITIVAS E INTRANSITIVAS EM DJEOROMITXI

NÁDIA NASCIMENTO PIRES
(UNICAMP)

RÉSUMÉ: Dans cet article, nous nous proposons de présenter quelques hypothèses sur l'analyse des caractéristiques morphosyntaxiques de la langue *Djeoromitx*, une langue parlée au "Posto Indígena de Guaporé", au sud de Rondônia. Les observations assemblées ici concernent la construction des oraisons passives. Dans une première partie, ces observations sont systématisées de forme descriptive. Une seconde partie conduit les propos de leur interprétation non seulement à un ensemble de considérations sur la nature de construction d'une proposition passive, mais aussi aux caractéristiques des structures des phrases du *Djeoromitx* en général.

1. INTRODUÇÃO

A língua Djeoromitxi é considerada como uma língua pertencente à Família Jabuti, que é tida como uma família isolada¹. Esta família seria constituída por três línguas, Djeoromitxi, Arikapu e Maxubi, esta última já extinta. A língua Djeoromitxi é falada por uma população de cerca de 60 indivíduos, que vivem na área do Posto Indígena do Guaporé ao sul de Rondônia.

Este trabalho aborda alguns aspectos da sintaxe da língua Djeoromitxi com enfoque maior à análise das orações passivas. O modelo de análise utilizado é o proposto pela Teoria Government-Binding (GB). Procuraremos discutir as construções passivas derivadas de transitivas e intransitivas, a partir da descrição e identificação de alguns traços lexicais, que ajudarão a compreender as estrutura sentenciais.

2. OS FATOS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

O Djeoromitxi apresenta um padrão nominativo-acusativo. Entretanto, a manifestação de um tipo sentencial em que a partícula posposicional **be** marca a função semântica de agente de um verbo transitivo poderia ser interpretado como uma

¹ Cf. Loukotka(1968), Greenberg (1987) e Rodrigues (1986).

manifestação de um sistema ergativo na língua ao invés de uma estrutura passiva. Procuraremos, primeiramente, focalizar a ordem de palavras, que é um dos recursos para a marcação de caso e, em seguida, fornecer evidências tipológicas sobre as construções de passivas. Cocomitantemente, objetivamos esclarecer as funções gramaticais dessas partículas, que acreditamos ser um dos pontos básicos para a definição do sistema de uma língua.

Consideramos que a ordem básica dos constituintes é SOV, por duas razões. Primeiro, por essa ordem ser a menos marcada. Segundo, pelo fato da ordem OV ser fixa, e qualquer mudança nessa ordem afeta o sentido, ou melhor, o foco semântico da oração. As cláusulas podem ser divididas quanto aos seus constituintes, em estruturas que contenham ou não predicado verbal e, quanto à espécie que podem ser: declarativas, imperativas, negativas e interrogativas. Representamos as estruturas dos dois tipos sentenciais básicos através das seguintes regras:

I) Estruturas com predicado verbal:

$S \rightarrow ((N'') V''$

II) Estruturas sem predicado verbal:

a) $S \rightarrow N'' N''\text{pred}$

b) $S \rightarrow N'' P''$

Compõem as sentenças do tipo (I) todas aquelas que apresentam uma predicação verbal. Este tipo de sentença pode ser constituída de Sintagma Nominal (N'') que, como sujeito, pode ser opcional em algumas espécies, por exemplo, nas imperativas, e Sintagma Verbal (V'') que pode ter como núcleos verbos transitivos, intransitivos e descritivos.

As sentenças do tipo (II) não possuem verbos como núcleo de seus predicados. Os constituintes do tipo (IIa) são N'' sujeito e N'' predicativo (pred) ambos obrigatórios e, os do tipo (IIb) são N'' sujeito e Sintagma Posposicional (P'')

Ressaltamos aqui algumas características fundamentais dos dois tipos sentenciais que são importantes à compreensão das estruturas sentenciais.

a) a ordem básica dos constituintes nas orações é sujeito predicado. Essa ordem pode ser quebrada por alguns processos sintáticos como topicalização, interrogação e focalização.

b) a série de prefixos pronominais que ocorre nos verbos, nominais e posposições como marca de concordância, relação de posse e argumento, além de definirem, de certa forma, o "status" de transitividade dos verbos, também parece aduzir algumas evidências que, por um lado, o Djeoromitxi se aproxime de línguas ergativas como o Kuikuro (Franchetto, 1987) e, por outro a distingue de línguas ativas como o Kamayurá (Seki, 1990), singularizando o Djeoromitxi como uma língua com estruturas do tipo ativa e passiva bem definidas.

c) o particípio é marcado por uma partícula (hä) nas orações passivas.

d) a concordância anafórica ocorre sob bases do nominativo-acusativo.

e) a língua é predominantemente isolante, ou seja, são poucos os processos de afixação na formação e palavras.

Mostramos abaixo o quadro de pronomes e prefixos pronominais que ocorrem com todos os dois tipos sentenciais.

Pronomes	posse-N obj-Vtr P,	suj.-Vint, Vdes	Argum-A
hü "1.s"	ø-	ø-	---
adje "2s/p"	a-	a-	---
na "3. s/p"	i-, e--	ø-	i-
hirü "1 p"	hi-	hi-	---

As funções expressas neste quadro são as seguintes:

- Na primeira coluna estão as formas pronominais livres que ocorrem, geralmente, como sujeito em todos os tipos oracionais.
- A segunda coluna apresenta os prefixos pronominais que ocorrem como objeto de verbos transitivos (obj-Vtr), de posições (obj- P), e como possuidor nos nomes (posse-N);
- A terceira coluna mostra a série de prefixos que ocorrem como sujeito de intransitivo e descritivos (suj.-Vint, Vdes);
- A quarta coluna expressa o prefixo que ocorre como argumento de adjetivo (Arg-A, essa construção só é possível na terceira pessoa).

Observe que a série de prefixos que marca o sujeito de intransitivos e descritivos coincide com a série que marca o objeto de transitivos exceto na terceira pessoa. A terceira pessoa apresenta duas formas de marcação à função de posse e objeto, mas a marca de concordância da 3ª pessoa de intransitivo é ø (zero).

2.1. Estruturas das Orações

Nas sentenças do tipo (N") V" encontramos estruturas transitivas, intransitivas, descritivas e passivas marcadas distintamente.

Orações intransitivas

1. **Txiü ø-hukükü ma**
homem 3.sair Fut
"O homem sairá"

2. **Adje a-hukükü ma**
 tu 2.sair Fut
 “Tu sairás”

Observe que em (1) e (2) o verbo intransitivo concorda com o sujeito **Txiü** “homem” e **Adje** “tu” através da marcação por prefixo **ø** “3ª pessoa” e **a-** “2ª.pessoa”, num caso nominativo não marcado (fonologicamente nulo).

Orações transitivas

3. **paku txiü äno txe**
 mulher homem ver Pass
 “A mulher viu o homem”

4. **hü a-äno txe**
 eu 2.ver Pass
 “Eu te vi”

Em (3.) todos os argumentos do transitivo estão presentes. Já em (4.) o prefixo **a-** ocorre como marcador do objeto “2ª pessoa” junto ao verbo transitivo. A prefixação só é feita em um transitivo quando o objeto não está lexicalmente realizado.

Na passiva os verbos são deverbalizados pela partícula **hä** “particípio” posposta ao verbo como observamos abaixo:

5. **txiü ma paku be kuka õ hä txe**
 homem Dat mulher Pos fruta dar Part Pass
 “A fruta foi dada ao homem pela mulher”
 (Ao homem, pela mulher a fruta foi dada)

6. **wa hi hä txiü be txe**
 onça matar Part homem Pos Pass
 “A onça foi morta pelo homem”

Podemos dizer que, na construção passiva, o Nominal é marcado como agente pela posposição **be**; este constituinte pode ocorrer em qualquer posição anteposta ou posposta ao SV, exceto interno ao SV, isto é, entre o núcleo (verbo) e seu complemento (objeto direto). Uma vez que a partícula identifica o N como agente, sua função é marcada por esta partícula e o verbo parece comportar-se como um intransitivo (descritivo)². Em (5.), o primeiro SN, **txiü** ‘homem’, recebe o caso dativo pelo elemento **ma** ‘dativo’ posposto a ele, nessa posição apenas. Frisamos a posição desta partícula devido ao caso de homonímia do dativo com a partícula marca de futuro.

² Em Djeoromitxi os verbos descritivos são derivados de adjetivos ou de verbos adjetivizados pela partícula **hä** podendo inclusive ocorrer como adjetivo, ou melhor modificador do SN (Pires, 1992).

A definição da construção passiva analisada aqui poderia suscitar controvérsias sobre a possibilidade de tratar-se de um sistema com marcação de caso ergativo e não de um sistema nominativo-acusativo. Por essa razão, a estrutura passiva deverá ser discutida em termos comparativos com construções tipicamente passivas. Acreditamos que esta perspectiva exige uma definição de um protótipo de construção passiva que sirva de referência à nossa análise. De acordo com Perlmutter & Postal (1977):

“(...) a universal characterization of passive can be best arrived at not in terms of word order, case or morphology, rather in terms of the change in grammatical relations

Especificamente, os autores argüem que a passiva deve ser caracterizada em termos de um sistema relacional (relational network), no qual um elemento nominal é objeto direto em um “stratum”, e passa a uma relação de sujeito em um “stratum” seguinte. Essa descrição de passiva é conhecida como fenômeno promocional, no qual o objeto é movido para uma posição de sujeito, e como consequência a sentença passiva é caracterizada como intransitiva. No entanto, essa análise foi muito criticada, principalmente por Comrie (1977), que chama atenção para as chamadas construções passivas impessoais, nas quais, segundo ele, não acontece a promoção do objeto direto, pelo fato de ocorrer a demissão do sujeito. Comrie propõe uma formulação que inclui ambas operações: promoção do objeto e demissão do sujeito.

Alguns autores colocam que orações passivas e intransitivas são diferentes entre si em línguas ergativas. Segundo Comrie (1970), estas duas construções são muito parecidas; elas se diferem num sistema tipicamente ergativo, no qual há uma forte interação do sintagma agente na sintaxe da oração. Esta forte interação do sintagma agente na sintaxe ergativa pode ser vista nos dados da língua Inuktitut fornecidos por Johns (1992), como se observa abaixo (os dados são mostrados aqui da forma como foram apresentados por ela):

(7) Transitiva

- a. **arna-up angut kuni-ga-a**
woman-rel man(abs) kiss.Pass.Part.3s/3s
“The woman kissed the man.”

Passiva

- b. **angut arna-mit kuni-ga-u-juq**
man(abso) woman-Abl kiss-Pass.Part-be intr.Part.3s
“The man was kissed by the woman.”

Em (7.a), a presença do agente é obrigatória e há concordância marcada no predicado. Em (7.b), o agente é opcional e não há elemento de concordância no predicado. De acordo com esta análise, o agente numa construção ergativa serve como antecedente para o elemento anafórico, enquanto que o agente na construção passiva não o é. Note ainda que na oração transitiva o verbo recebe a marca **-ga** ‘passiva’ que deverbaliza

e/ou intransitiviza o verbo, mas o verbo transitivo concorda com os dois argumentos: o agente e o paciente, e além disso o caso ergativo é marcado no agente pelo morfema **-up**. Este é, na verdade, um dos maiores argumentos da autora em favor de sua análise sobre o sistema ergativo desta língua. Por outro lado, a construção passiva é caracterizada pela presença da partícula passiva e pelo morfema cópula **-u** ‘ser’, ambos afixados ao que ela chama de nome deverbal. Veremos mais adiante por que esta designação é necessária.

Em Djeoromitxi, não encontramos uma estrutura passiva tão parecida ao Português como o Inuktitut. Por exemplo, em Djeoromitxi (i) não encontramos um elemento cópula, (ii) a partícula passiva é um morfema clítico, ou seja, não é afixada ao verbo, (iii) não há alteração na posição do objeto, ele continua pré-posto ao radical do verbo, e (iv) a série de prefixos pronominais apesar de induzir a possibilidade de tratar-se de um sistema ergativo, como muitas línguas do Tronco Tupi e Jê³, acreditamos tratar-se, no máximo, de um sistema misto do nominativo e ergativo, mas com predominância do primeiro.

A morfossintaxe Djeoromitxi nos parece bastante complexa, posto que algumas partículas cliticizadas mudam a categoria dos verbos, como **hã** ‘particípio/adjetivizador (passiva)’. Estas partículas associadas ao verbo mudam sua categoria. Observe abaixo em (8) e (9), onde a partícula **hã** produz adjetivos ou descritivos a partir de radicais verbais, a sintaxe é que define sua função.

8. **wa tãmi hã ø-wetxi**

onça bater Part. 3.fugir
“A onça batida fugiu”

9. **adje a-tãmi hã**

tu 2.bater Part
“Tu estás batido”

10. **Adje a-notõ**

tu 2.dormir
“Tu estás dormindo”

11. **i-tãmi hã ø-wetxi**

3.bater Part. fugir
“O batido fugiu”

O verbo transitivo **tãmi** ‘bater’ associado a partícula **hã** em (8.) funciona como adjetivo/modificador de **wa** ‘onça’ (núcleo do SN), enquanto que em (9.) o elemento de concordância afixado ao verbo evidencia que há uma relação de outra natureza entre

³ Segundo Greenberg (1987), a língua Djeoromitxi pertenceria ao tronco lingüístico Macro-Jê, porém essa hipótese ainda não foi confirmada. Pretendemos futuramente fornecer subsídios que auxiliem no esclarecimento da relação de parentesco do Djeoromitxi com outras línguas amazônicas.

Adje ‘tu’ e **-tämi hä**; trata-se de uma relação argumento predicado semelhante a relação em (10.) onde vemos que a concordância entre o verbo **notō** ‘dormir’ e o argumento **adje** ‘tu’ é feita pelo prefixo **a-**. Chamamos atenção para o fato de que a primeira e a terceira pessoa no intransitivo são marcadas por **∅** (zero), ou melhor pela ausência do prefixo. Por isso, em (11.) o prefixo **i-** ocorre como um SN argumento modificado pelo adjetivo e não como um elemento de concordância de um descritivo. Ressaltamos que os verbos intransitivos não aceitam o prefixo **i-** na terceira pessoa.

A construção passiva, como vemos em (5.) e (6.) é caracterizada pela associação do verbo mais a partícula participípio (V + **hä**) e a presença de um sintagma posposicionado (agente); sem este constituinte a construção é entendida como uma descritiva/intransitiva (na terceira pessoa).

Como mostramos acima, há muitas diferenças entre as construções passivas em português, Inuktitut e o Djeoromitxi. Nas duas primeiras a ocorrência de um verbo cópula deixa mais clara a natureza categorial do elemento apassivado, posto que a cópula recebe as marcas de tempo (no caso do português) ou forma um constituinte complexo como em Inuktitut. Em Djeoromitxi a definição da categoria modificada pelo participípio torna-se mais complexa pela falta, como já dissemos anteriormente, de um elemento cópula e pela ocorrência de marcas temporais e aspectuais como formas livres (não afixadas ao verbo) juntamente com a partícula participípio, como mostrado nos exemplos (5.) e (6.).

Observe ainda que nestes dois exemplos a marca de tempo **txe** ‘passado’ ocorre seguindo imediatamente a partícula **hä**, seguindo a posposição, mostrando assim que sua posição deve ser final.

A proposta de derivação transformacional para as passivas atribui à forma derivada V + participípio a categoria dos adjetivos (Chomsky e Lasnik, 1977). O tratamento dos participípios passivos se justifica com base na sua identidade distribucional ambos ocorrendo nas posições postpostas ao N (núcleo do SN), e na sua similitude quanto a concordância.

Sintagma adjetivo

12. **wa hona hä ∅-wetxi**

onça criar Part. 3.fugir

“A onça criada fugiu”

13. **i-hona hä ∅-wetxi**

3.criar Part. 3.fugir

“O criado fugiu”

14. **wa ∅-hona hä**

onça 3.criar Part.

“A onça é criada”

Observe que em (12.) e (13.) a seqüência V + **hä** corresponde a uma construção N + Adj., constituindo um N”. Enquanto que em (14.) temos uma construção N” + V” com

um verbo descritivo/intransitivo. A hipótese levantada aqui é que a propriedade lexical da seqüência verbo mais morfema particípio não é a mesma nas duas construções. Esta concepção baseia-se na diferença das formas prefixais, pois, como já dissemos anteriormente, essa diferença entre as três construções é fundamental para identificar a propriedade do verbo, assim como a diferença do contexto sintático no qual a seqüência esteja inserida.

2.1. A Construção Passiva

Como já foi mostrado anteriormente, a combinação da partícula particípio com o verbo e o(s) argumento(s) marcado(s) produz uma construção com propriedades reconhecidas por nós como passiva. Mas o argumento interpretado como paciente continua aparentemente na posição de objeto (posição pré-verbal) de transitivo, que também pode ser interpretado como a posição de sujeito de intransitivo, uma vez que na construção intransitiva se o sujeito for a terceira pessoa a concordância é Ø (zero) e, por isso, podemos compará-la a uma construção intransitiva/descritiva.

Intransitiva

1. **txiü** Ø-**hukükü** **ma**
 homem 3.sair Fut
 “O homem sairá”

15. **wa** Ø-**hi** **hä** **txe**
 onça 3.matar Part Pass
 “A onça foi morta”

Passiva

6. **txiü** **be** **wa** Ø-**hi** **hä** **txe**
 homem Pos onça 3.matar Part Pass
 “A onça foi morta pelo homem”

Nos exemplos mostrados acima, observamos o paralelismo entre os predicados dos intransitivos (1.) e (15.), e o predicado de (6.), cujo P” (pelo homem) pode ser suprimido como vemos em (15.), mostrando assim que a construção de um sintagma com a seqüência verbo partícula **hä** que forma a passiva em nada difere de um sintagma descritivo/intransitivo. Note que, na construção passiva, o agente é um argumento posposicionado, externo ao radical do verbo, e a ele é atribuído o caso oblíquo, e que sua posição é adjunto, enquanto que o paciente (em posição de objeto na sintaxe visível) apresenta uma concordância anafórica que opera em um sistema nominativo-acusativo, e um resultado direto de um movimento deste argumento para uma posição mais alta. As motivações teóricas para analisarmos a construção passiva como semelhante a uma intransitiva/descritiva e não como pertencentes a categoria de adjetivo são as seguintes: (i) o verbo torna-se apto a projetar um V”, e (ii) a posição de N” pré-verbal pode ser explicada.

Até aqui, vimos que existem algumas semelhanças entre as construções intransitivas e as descritivas. Demonstramos também que a construção passiva apenas se parece superficialmente com uma transitiva, e que esta semelhança se dá porque a construção passiva deriva-se a partir de um radical transitivo, o que provoca uma confusão quanto à interpretação do N^o pré-posto ao radical do verbo, se é complemento (objeto direto) ou argumento paciente/meta. Em outras palavras, pela possibilidade dessa seqüência ser interpretada através de uma estrutura do tipo N^o da língua Inuktitut (mostrado em (7b)) contendo um radical de verbo mais uma partícula participípio do tipo XV-ed (assim como no inglês), um resultado direto de uma análise precipitada pela influência da presença do participípio.

3. CONCLUSÃO

O conjunto das operações descritas neste trabalho permite constatar a enorme complexidade do processo de construção da passiva e o quanto este assunto é problemático para a teoria e mesmo em outras línguas que apresentam uma construção passiva mais próxima da análise “padrão”.

Como defendemos acima, tais operações começam com a deverbalização de um verbo transitivo ou intransitivo através da associação de um partícula derivacional **hã** ‘participípio’ que apresenta uma distribuição adjetiva e, como todo adjetivo, nessa língua, pode tornar-se um verbo descritivo/intransitivo. Estas operações derivacionais sintáticas também promovem a mudança do argumento externo de uma construção transitiva em argumento oblíquo, que ocupa uma posição de adjunto do VP, e pode eventualmente ser movido para uma posição mais alta na estrutura passiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMRIE, Bernard. 1978 Ergativity. In: W. P. Lehman, ed. *Syntactic Typology*, Austin, University of Texas Press.
- FRANCHETTO, Bruna. 1987 -“Hierarquia referencial e ergatividade em línguas Karib”. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional da ANPOLL, Rio de Janeiro.
- JOHNS, Alana. 1992. “Deriving Ergativity”, In: **Linguistic Inquiry**, vol 23, No 1 MIT Press. Cambridge, Massachusetts.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 1953. “Morfologia do verbo Tupi”: **Letras**. Curitiba. SEKI, Lucy. 1976. “Kamayurá: Língua de estrutura ativa”. **Língua e Literatura**, no. 5.217. São Paulo.